



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO

BACHARELADO EM PSICOLOGIA

THAYANE VIEIRA BEZERRA

**NARRATIVAS NEGRAS E O PODER DAS INFLUENCIADORAS DIGITAIS:**  
identidade, pertencimento e novos padrões de beleza

Icó – CE

2025

THAYANE VIEIRA BEZERRA

**NARRATIVAS NEGRAS E O PODER DAS INFLUENCIADORAS DIGITAIS:**  
identidade, pertencimento e novos padrões de beleza

Artigo científico submetido à disciplina de TCC II, do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado, como requisito para a aprovação e nota.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Meury Gardênia Lima de Araújo

THAYANE VIEIRA BEZERRA

**NARRATIVAS NEGRAS E O PODER DAS INFLUENCIADORAS DIGITAIS:**  
identidade, pertencimento e novos padrões de beleza

Artigo aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_, como requisito para a aprovação na disciplina de TCC II, do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado.

BANCA EXAMINADORA:

---

**Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Meury Gardênia Lima de Araújo**

*Orientadora*

---

**Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Samara Rocha Magalhães Diógenes**

*Avaliadora*

---

**Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Thamires Pereira Alves**

*Avaliadora*

Icó – CE

2025

Para minha mãe, minha avó e minha tia — mulheres pretas que aprenderam a sobreviver negando os próprios traços por falta de (re)conhecimento. Não herdei diplomas, mas herdei força, coragem e sonhos. E é com eles que me torno, por vocês, a mãe e a avó graduada que um dia vocês mereceram ser.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, meu Senhor e Salvador, por me permitir sonhar e viver os planos que Ele mesmo desenhou para mim. Obrigada por estar ao meu lado com Teu amor infinito, ouvindo minhas súplicas, enxugando minhas lágrimas e acalmando, com Tua voz, as tempestades da vida. Te amo com todo o meu ser! À Nossa Senhora, Mãe amorosa que me envolve com seu manto terno e protetor, obrigada por me guiar com doçura e firmeza. Te amo, Rainha, minha luz e companheira fiel.

À minha família, em especial, meu pai José, minha mãe Antônia, minha avó Antônia e minha tia Francisca — por me guiarem com amor pelos caminhos do bem, da educação e dos sonhos. Obrigada por serem abrigo nos dias difíceis e riso nos tempos de abundância. Sempre tive para onde voltar, porque em vocês habita o verdadeiro significado de lar.

Às minhas amigas Naiara e Bruna, que caminharam comigo desde os primeiros passos da vida acadêmica até a faculdade, atravessando ao meu lado as fases mais difíceis da vida. Vocês conheceram tantas Thayanes em uma só, e amaram todas elas. E eu ameí — e amo — todas as versões de vocês. Sempre seremos nós três. Sempre.

À Ailane, que chegou há pouco tempo, mas entrou na minha vida como um furacão. Amiga, você foi de imensa importância nesse percurso. Obrigada por me tirar da zona de conforto e me apresentar ao mundo com novos olhos. Todos os dias, você me ensina que a vida pode ser mais leve, mais bonita e em paz.

À Luana, amiga querida, a você eu agradeço por toda a minha trajetória acadêmica na faculdade. Foi do nada que você se tornou o maior e melhor presente que tive nesses cinco anos. Você e sua família abriram as portas da casa — e do coração — para mim. Você cuidou de mim, me abrigou, física e emocionalmente. Vai ser difícil não te ter todos os dias, mas sei que o mundo te espera com conquistas ainda maiores. Se há alguém que merece tudo de melhor que a vida pode oferecer, esse alguém é você.

Ao meu amor, Alberto Adriano — você esteve comigo em cada passo dessa caminhada acadêmica. Quando tudo parecia difícil, você não permitiu que eu desistisse. Esteve ao meu lado em silêncio, mas sua presença dizia tudo. Você foi o meu norte, minha força silenciosa. Há um pouco de você em tudo que sou, porque tem você por todo lugar em mim.

## NARRATIVAS NEGRAS E O PODER DAS INFLUENCIADORAS DIGITAIS:

identidade, pertencimento e novos padrões de beleza

Thayane Vieira Bezerra  
Meury Gardênia Lima de Araújo

### RESUMO

O presente artigo investiga o papel das influenciadoras negras no *Instagram* na promoção da autoestima, identidade e representatividade entre mulheres negras no Brasil. Considerando o contexto de desigualdades estruturais e sub-representação dessas mulheres nos meios de comunicação, a pesquisa buscou compreender como as redes sociais têm se tornado espaços de resistência, pertencimento e fortalecimento coletivo. A metodologia adotada foi qualitativa documental, com análise de comentários coletados em publicações de influenciadoras negras, agrupados em categorias temáticas a partir da frequência e do contexto das palavras utilizadas. Os resultados evidenciam que temas como autoestima, valorização do cabelo natural, representatividade e ruptura de padrões são recorrentes nos relatos das seguidoras, indicando o impacto positivo da presença de referências negras no ambiente digital. Além disso, destaca-se a formação de comunidades de apoio e a promoção de diálogos que desafiam estereótipos de raça e gênero, contribuindo para a construção de novas narrativas sobre identidade e beleza. O estudo conclui que as influenciadoras negras atuam como agentes de transformação social, ampliando as possibilidades de reconhecimento, empoderamento e pertencimento para mulheres negras nas redes sociais.

**Palavras-chave:** Mulher Negra. Representatividade. Identidade. Empoderamento. Redes Sociais.

### ABSTRACT

This article investigates the role of black influencers on Instagram in promoting self-esteem, identity and representation among black women in Brazil. Considering the context of structural inequalities and underrepresentation of these women in the media, the research sought to understand how social networks have become spaces of resistance, belonging and collective strengthening. The methodology adopted was qualitative documentary, with analysis of comments collected in publications by black influencers, grouped into thematic categories based on the frequency and context of the words used. The results show that themes such as self-esteem, appreciation of natural hair, representation and breaking standards are recurrent in the followers' reports, indicating the positive impact of the presence of black references in the digital environment. In addition, the formation of support communities and the promotion of dialogues that challenge racial and gender stereotypes are highlighted, contributing to the construction of new narratives about identity and beauty. The study concludes that black influencers act as agents of social transformation, expanding the possibilities of recognition, empowerment and belonging for black women on social networks.

**Keywords:** Black Woman. Representation. Identity. Empowerment. Social Networks.

## 1 INTRODUÇÃO

A presença de mulheres negras nas redes sociais, especialmente como influenciadoras digitais, têm impulsionado novas formas de representação, autoestima e pertencimento no Brasil. Apesar de serem maioria na população brasileira, as mulheres negras ainda enfrentam desigualdade de oportunidades, sub-representação em espaços de poder e persistentes estereótipos que limitam o reconhecimento de suas potencialidades. Esses desafios se intensificam devido à sobreposição de racismo, machismo e desigualdades socioeconômicas, resultando em barreiras específicas em ambientes como o trabalho, a mídia e a vida pública.

Historicamente, a representatividade das mulheres negras na mídia tem sido marcada por estereótipos que reforçam sua marginalização e desumanização, como as figuras da “mãe negra”, da “mulher hiper sexualizada” e da “serva”. Essas imagens limitadas impactam negativamente a autoestima e a construção da identidade dessas mulheres, tanto em sua percepção pessoal quanto na forma como são vistas pela sociedade (Santos; Borges, 2018; Padilha, 2023; Do Carmo; Rodrigues, 2021; Gonzalez, 1984). A repetição desses papéis reduz a complexidade das experiências das mulheres negras, influenciando sua autoimagem e saúde mental, especialmente entre jovens (Foster, 1999). Nesse sentido, a crítica de Lélia Gonzalez (2021) sobre a ausência das vozes femininas negras no feminismo tradicional e a necessidade de novas narrativas que valorizem a pluralidade dessas experiências é fundamental.

As plataformas digitais, em especial o *Instagram*, têm se destacado como espaços onde as vozes das mulheres negras são, não apenas ouvidas, mas valorizadas, permitindo o compartilhamento de experiências, conquistas e lutas, e a abordagem aberta de temas como racismo, saúde mental e autoaceitação (Parreiras; Pavesi, 2024). Esses ambientes digitais possibilitam a construção de comunidades que questionam padrões tradicionais de beleza, desafiam estereótipos raciais e de gênero e promovem o empoderamento coletivo.

Motivada por essas transformações, esta pesquisa tem como objetivo analisar como influenciadoras negras, por meio de sua relevância no Instagram e dos comentários de suas seguidoras, promovem inspiração, representatividade, identidade e autoestima, além de abordar questões sociais relevantes. Busca-se também identificar se essas influenciadoras criam comunidades de apoio que incentivam o empoderamento coletivo e a solidariedade, examinar se as suas estratégias discursivas e visuais desafiam estereótipos raciais e culturais, e analisar de que forma rompem com padrões tradicionais ao promover novas representações de beleza, delicadeza e sucesso.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 3.1 IDENTIDADE E INTERSECCIONALIDADES: DESAFIOS E RESISTÊNCIAS

#### 3.1.1 A Complexidade de Ser Mulher Negra

Ser uma mulher negra envolve uma diversidade de aspectos que se entrelaçam, raça, gênero e classe social, construídos ao longo de anos com desafios particulares. No Brasil marcados pelo racismo estrutural onipresente e machismo enraizado na cultura brasileira. As mulheres negras ao longo dos tempos foram submetidas à opressão, desde os períodos coloniais em que foram escravizadas; essa escravidão as tratava de forma desumana e as colocavam como pilares de um sistema de desigualdade que perdura até os dias atuais. Para além da exploração de seus corpos durante o período de escravidão ocorrida no passado histórico do Brasil, também lhes foi negada sua humanidade, criando assim um ciclo de exclusão que persiste mesmo após o fim oficial da escravidão (Amoras, Maria; Maria, Solange; Mesquita, Luana, 2021).

Angela Davis (2016) salientou em suas escritas a importância da luta do feminismo negro, que deve se estender contra todas as formas de opressão, apontando para as conexões entre o racismo e o sexismo na vivência dessas mulheres. Ela destaca que as mulheres negras enfrentam simultaneamente múltiplas formas de discriminação, o que torna essencial que o feminismo reconheça e combata essas interseccionalidades. Assim, a luta do feminismo negro não se limita apenas à igualdade de gênero, mas também engloba a resistência contra o racismo estrutural e outras formas de exclusão social que afetam diretamente essas mulheres.

Segundo Almeida (2019), o racismo é um sistema de dominação que se estrutura a partir da construção social da raça como categoria hierárquica, legitimando a desigualdade e a exclusão de grupos racializados, especialmente os negros. Ele não reduz os preconceitos individuais, mas é enraizado em instituições, práticas sociais e estruturas econômicas que reproduzem a opressão racial de forma sistêmica. O racismo, portanto, é uma forma de poder que naturaliza a discriminação racial e mantém privilégios para determinados grupos.

De acordo com Judith Butler (2015) o sexismo é um sistema de opressão baseado na construção social das diferenças de gênero, que legitima a desigualdade entre homens e mulheres. Ele se manifesta por meio de normas, práticas e discursos que reforçam papéis tradicionais e tradições de gênero, subordinando as mulheres e limitando sua autonomia e participação social. O sexismo é, assim, uma forma de violência simbólica e estrutural que sustenta a desigualdade de gênero.

É fundamental entender como diferentes formas de opressão se entrelaçam para compreender os impactos na saúde física e mental e no bem-estar emocional das mulheres negras; destacando a necessidade urgente de políticas públicas que promovam a inclusão e a igualdade racial e de gênero. Segundo o Centro de Estudos e Debates Estratégicos da Câmara dos Deputados (Brasil, 2023), é fundamental implementar políticas públicas que promovam a igualdade racial e de gênero, é evidente a importância do seu papel na manutenção e disseminação das tradições afro-brasileiras.

Um exemplo disso é a importância da literatura afro-brasileira como um espaço significativo para dar visibilidade a essas experiências e demonstrar como a escrita se tornou uma poderosa ferramenta de resistência. Conforme Conceição Evaristo destaca em entrevista à Fundação Biblioteca Nacional (2018), “Escrever é uma maneira de resistir”, realçando o valor da literatura como um meio para as mulheres negras contarem suas próprias histórias e questionarem as narrativas predominantes que frequentemente são ignoradas ou reduzidas a estereótipos (mulata, mulher hiper sexualizada reduzida a um objeto de desejo, e a mãe negra). Dessa forma, a produção literária dessas mulheres não apenas as coloca no centro de suas próprias histórias, narrando suas experiências individuais, mas também confrontando os padrões eurocentristas que prevalecem na cultura literária brasileira.

Além da literatura tradicionalmente escrita, outras formas de expressão artística e cultural existentes na sociedade contemporânea brasileira, como as manifestações das religiões afro-brasileiras, podem proporcionar à comunidade feminina negra um arcabouço de símbolos e práticas espirituais que contribuem para a resistência frente às dificuldades do dia a dia. Dentro do contexto do candomblé, em particular, é possível observar uma valorização das divindades femininas que se destacam e que concedem às mulheres negras uma fonte de fortalecimento tanto no plano espiritual quanto no social; essa realidade desafia os padrões estabelecidos pela sociedade patriarcal e ocidental dominante em termos de poder e influência feminina. O aspecto espiritual presente nesse contexto muitas vezes negligenciado acaba por ser central para muitas mulheres negras em suas vidas diárias ao fornecer suporte para lidar com os obstáculos enfrentados em virtude da discriminação racial e de gênero (Mariosa; Pinheiro; Mayorga, 2019).

As mulheres negras enfrentam desafios específicos que resultam da combinação entre o racismo e o sexismo, ou seja, da interação entre sua raça e seu gênero. Essa interseccionalidade significa que elas não sofrem apenas discriminação racial ou apenas discriminação de gênero, mas uma sobreposição dessas duas formas de opressão. Como consequência, elas encontram barreiras significativas tanto no acesso à educação quanto no

mercado de trabalho. Essas dificuldades duplas criam situações de maior vulnerabilidade, pois as mulheres negras frequentemente lidam com preconceitos, exclusão e desigualdades estruturais que limitam suas oportunidades de crescimento social e econômico. Dessa forma, os obstáculos que enfrentam são sistêmicos e estão enraizados nas instituições e nas práticas sociais, dificultando sua ascensão e perpetuando ciclos de desigualdade (Davis, 2016).

Um estudo recentemente intitulou o conceito de “pardalização”, que se refere à distorção da própria percepção racial de mulheres negras devido a influências sociais que minimizam ou negam sua identidade negra. Esse fenômeno ilustrativo destaca como o racismo influencia até mesmo a maneira como essas mulheres enxergam a si mesmas, ressaltando assim a complexidade das experiências negras em um país que frequentemente ignora a existência do racismo. Além disso, os impactos desproporcionalmente prejudiciais das mulheres negras pelas questões da violência sistêmica e do racismo ambiental ampliam as disparidades sociais e mantêm em curso ciclos persistentes de pobreza e marginalização (Araújo; Silva, 2023).

A determinação dessas mulheres vai além do âmbito individual e se estende ao coletivo. Ter práticas comunitárias e reconhecer a importância das vivências transmitidas de geração em geração são essenciais para enfrentar os desafios provenientes do racismo e do sexismo. A união entre mulheres negras, através de redes de apoio proporciona espaços de diálogo e encorajamento mútuo, servindo como um meio colaborativo e compartilhado para superar obstáculos. Essa solidariedade em grupo é uma expressão tangível da resiliência, e reforça a noção de que a luta contra a opressão é um processo contínuo e comunitário (Albuquerque, Jean, 2025).

### **3.1.2 Mulheres Pretas Cis e Trans: Diversidade de Experiências e Lutas**

No livro “Problemas de Gênero”, a autora analisa de forma crítica a identidade de gênero sob o ponto de vista das mulheres trans. Ela defende que o gênero não é algo inerentemente fixado ou estável, mas sim uma construção social que se manifesta através das performances individuais. Essas ideias desafiam concepções tradicionais sobre gênero ao sugerir que as identidades são moldadas por práticas sociais e culturais em vez de serem exclusivamente determinadas pela biologia (Butler, 2015).

A conceituação dos termos "cis" e "trans" é fundamental para uma comunicação respeitosa e inclusiva, conforme destacado no Manual de Comunicação LGBTI+ de 2021. O termo "cisgênero" refere-se a indivíduos que se identificam com o gênero que lhes foi

atribuído ao nascer, ou seja, sua identidade de gênero está alinhada com o sexo biológico designado no momento do nascimento. Por outro lado, "transgênero" abrange pessoas que não se identificam exclusivamente com o gênero atribuído ao nascer, incluindo transexuais e travestis, que transitam entre diferentes gêneros ou têm uma identidade de gênero diferente daquela designada no nascimento (Aliança Nacional LGBTI, 2021).

No contexto das mulheres transgêneras, a ideia de performatividade é fundamental. As mulheres trans não apenas validam suas identidades através da transição física, como também por meio de pequenas ações cotidianas que desafiam as normas sociais estabelecidas sobre o que significa ser mulher. Através de sua maneira de se apresentarem como mulheres, elas estão realizando atos que não só afirmam sua identidade, também questionam as expectativas sociais em relação ao gênero. Nesta exposição, o objetivo é problematizar a ideia de normalização cisgênero, que se refere à naturalização e à imposição da cisgeneridade como padrão normativo e legítimo para a experiência de gênero na sociedade. Essa norma ciscentrada marginaliza e invisibiliza as identidades trans, reforçando hierarquias que privilegiam corpos e expressões de gênero alinhados ao sexo atribuído no nascimento. Ao questionar essa hegemonia, busca-se validar e reconhecer a diversidade das experiências trans, afirmando que as identidades de gênero são plurais e legítimas em suas múltiplas formas de expressão. Essa perspectiva dialoga com os estudos de Judith Butler (2015), que problematizam as normas de gênero como construções sociais e enfatizam a performatividade como um meio de subverter essas normas, abrindo espaço para a legitimação das identidades trans e a desconstrução das categorias binárias tradicionais.

Além disso, a autora destaca, ainda, que tanto o sexo quanto o gênero são construções sociais e sugere que as normas ligadas a essas categorias podem ser questionadas e devem ser também desafiadas por mulheres trans. Elas veem suas identidades não apenas como uma resposta ao corpo biológico, mas sim como expressões complexas da subjetividade que desafiam as antigas divisões entre masculino e feminino. Isso promove uma maior visibilidade e reconhecimento das vivências das mulheres trans no âmbito do feminismo e dos movimentos sociais em geral (Butler, 2015).

Butler (2015) amplia essa discussão ao apontar a importância de reconhecer as conexões entre diferentes formas de opressão ao investigar como diversas opressões se entrelaçam na vida das mulheres transgêneras. Elas enfrentam não só discriminação devido à sua identidade de gênero, mas também por causa de sua raça, classe social e outros fatores. Essas interações são fundamentais para entender as complexidades das situações opressivas

que essas mulheres enfrentam diariamente, além de serem essenciais para desenvolver políticas inclusivas que levem em consideração suas realidades.

A intersecção de diferentes formas de opressão foi introduzida para compreender como elas se entrelaçam de maneira complexa. De acordo com Patrícia Hill Collins (2000), as identidades são esculpidas por interações sociais complexas, o que implica que as vivências das mulheres afrodescendentes devem ser investigadas levando em conta essas diversas camadas de opressão social. As mulheres trans negras enfrentam uma vulnerabilidade mais evidente e sofrem uma violência desproporcional e exclusão social intensificada, revelando uma marginalização frequentemente negligenciada pelas políticas públicas e pelos discursos feministas convencionais.

Mulheres negras cisgênero deparam-se diariamente com discriminação enfrentando obstáculos de natureza racial e sexista em várias áreas de suas vidas, desde entraves no mercado de trabalho até a exclusão com base na tonalidade de sua pele colocando-as em situação de vulnerabilidade em comparação com outros grupos sociais. As mulheres negras trans experimentam uma forma ainda mais acentuada de violência muitas vezes motivada pelo repúdio voltado para sua identidade de gênero. As mulheres trans negras são frequentemente alvo de agressões físicas e psicológicas de forma excessiva. Isso as colocam em situações de vulnerabilidade e aumentam o risco de serem vítimas de homicídios motivados por preconceitos. Na realidade atual da sociedade, é comum observarmos a marginalização dessas mulheres e a subvalorização de suas identidades. Isso acaba resultando em dificuldades adicionais que elas enfrentam em suas jornadas diárias (Davis, 2016).

É crucial adotar medidas para assegurar que as necessidades específicas das mulheres trans negras sejam devidamente consideradas nas políticas públicas já em vigor. A formação da identidade de mulheres negras cis e trans gira em torno da educação como um elemento crucial. Nas escolas comuns ocorrem situações de reprodução da opressão racial e de gênero. No entanto, também é possível transformá-las em espaços de resistência. Pesquisas apontam que ambientes escolares que valorizam a diversidade quanto à raça e ao gênero desempenham um papel importante no fortalecimento da identidade das jovens negras, fornecendo-lhes ferramentas para enfrentar desafios futuros. Ainda, enfatizam a importância de reconhecer e valorizar a diversidade étnico-racial dentro das escolas, buscando capacitar as mulheres negras para enfrentar desafios com mais autonomia e preparo (Silva; Souza, 2019).

Reconhecer as experiências distintas das mulheres negras cis e trans não apenas enriquece a compreensão dos desafios que enfrentam, mas também fortalece o movimento feminista negro ao torná-lo mais inclusivo e fiel à diversidade da realidade vivenciada por

essas mulheres. É fundamental que as políticas governamentais considerem as diversas formas de opressão enfrentadas por essas mulheres para contribuir para a construção de uma sociedade justa e igualitária. Aprofundar a compreensão da interseção vai muito além de ser apenas uma teoria; é um comprometimento ético em direção a um futuro mais promissor para todas as mulheres negras (Rodrigues; Assis, 2023).

### 3.2 A EVOLUÇÃO DO FEMINISMO: INTERSECCIONALIDADE, RAÇA, GÊNERO E CLASSE NA LUTA DO FEMINISMO NEGRO POR IGUALDADE E REPRESENTATIVIDADE

A trajetória do feminismo é marcada por sua adaptação às demandas sociais de cada época, dividida em ondas que incorporam novas vozes e perspectivas (Teles, 2024). A primeira onda, nos séculos XIX e início do XX, concentrou-se no sufrágio feminino e direitos civis, com líderes como Susan B. Anthony e Emmeline Pankhurst, que enfrentaram forte oposição para conquistar o direito ao voto (Anthony, 1881; Pankhurst, 1914). No Brasil, Bertha Lutz foi figura central nesse movimento, fundando a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino em 1922 e articulando a conquista do voto feminino em 1932, além de defender políticas de igualdade de gênero (Pinto, 2003).

A segunda onda, entre as décadas de 1960 e 1980, ampliou o foco para direitos reprodutivos, sexualidade e igualdade de gênero, com destaque para Betty Friedan, cuja obra criticou os papéis domésticos impostos às mulheres, e Simone de Beauvoir, que analisou o gênero como construção social (Friedan, 1963; De Beauvoir, 1980).

A terceira onda, a partir dos anos 1990, enfatizou a interseccionalidade, abordando as múltiplas formas de opressão ligadas a gênero, raça, classe e sexualidade. Rebecca Walker e Judith Butler foram influentes ao ampliar o feminismo para incluir direitos LGBTQIAP+ e teorias sobre a performatividade de gênero (Walker, 1992; Butler, 2015). No Brasil, essa fase incorporou debates sobre as especificidades das mulheres negras, indígenas e outras minorias, com intelectuais como Conceição Evaristo destacando a interseccionalidade racial e de gênero (Pinto, 2003).

O feminismo negro é uma vertente essencial do movimento feminista, voltada para as experiências e lutas das mulheres negras, especialmente em contextos como o Brasil e os Estados Unidos. Ele se fundamenta na análise das interseções entre raça, gênero e classe, enfrentando formas específicas de opressão vivenciadas por essas mulheres (Rodrigues; Freitas, 2021).

No Brasil, a partir da década de 1980, o feminismo negro destacou-se ao denunciar a falta de inclusão das experiências das mulheres negras no discurso feminista dominante, geralmente centrado em mulheres brancas de classe média. Intelectuais como Lélia Gonzalez e Conceição Evaristo tornaram-se referências centrais. Gonzalez (2021) articulou o conceito de "amefricanidade", ressaltando a importância da cultura afro-brasileira e defendendo que a luta das mulheres negras é inseparável do combate ao racismo e às desigualdades socioeconômicas. Em seu ensaio "Racismo e sexismo na cultura brasileira", ela argumenta que não há feminismo sem a luta contra o racismo.

Conceição Evaristo (2018), por sua vez, utiliza a literatura para retratar as múltiplas opressões enfrentadas pelas mulheres negras, destacando o conceito de "escrevivência" — a escrita que nasce das vivências e resistências dessas mulheres. A autoafirmação é fundamental para a identidade das mulheres negras, que encontram apoio em suas comunidades e no feminismo negro para fortalecer sua voz na sociedade. Esse movimento tem sido vital para garantir que suas histórias e experiências ocupem um lugar central nas discussões sobre justiça social (Maridosa; Lapes, 2022).

Internacionalmente, figuras como Angela Davis e Audre Lorde também desempenharam papéis importantes. Davis (2016), em "Mulheres, Raça e Classe", defende que o feminismo deve considerar as experiências das mulheres negras, frequentemente negligenciadas tanto pelo feminismo tradicional quanto pelos movimentos antirracistas liderados por homens. Lorde (1984), em "*The Master's Tools Will Never Dismantle the Master's House*", critica o feminismo tradicional por excluir vozes de mulheres negras e outros grupos minorizados, defendendo a inclusão da diversidade de experiências no movimento.

Atualmente, o feminismo negro segue como uma força de transformação fundamental no Brasil, articulando lutas em múltiplas frentes. Movimentos como o "#VidasNegrasImportam" e a "Marcha das Mulheres Negras por Reparação e Bem Viver" mobilizam milhares de mulheres em todo o país, promovendo o protagonismo negro, a coletividade e a resistência ancestral na luta por igualdade e justiça social. Essas iniciativas vão além das ruas, influenciando o debate público, a formulação de políticas e a ocupação de espaços institucionais, apesar da persistente sub-representação das mulheres negras no Congresso e em outros espaços de poder.

A influência de autoras como Djamila Ribeiro (2017) é central nesse processo. Em "O Que É Feminismo Negro", Ribeiro destaca a interseccionalidade como ferramenta indispensável para compreender as múltiplas camadas de opressão que afetam as mulheres

negras, defendendo que não é possível combater o racismo e o sexismo de maneira separada. Ela enfatiza a importância da representatividade, do empoderamento coletivo e da valorização das experiências e saberes das mulheres negras, apontando que a luta feminista precisa ser também antirracista e anticapitalista para promover mudanças estruturais.

Assim, o feminismo negro no Brasil atual se destaca por unir mobilização social, reflexão teórica e atuação política. Por meio de movimentos organizados, mulheres negras reivindicam direitos, denunciam violências e promovem mudanças estruturais na sociedade. A produção intelectual, liderada por autoras como Djamila Ribeiro, fortalece o debate público e amplia a compreensão sobre interseccionalidade e racismo. Além disso, a incidência política se reflete em propostas legislativas e na ocupação de espaços institucionais. Dessa forma, o feminismo negro se consolida como protagonista na luta por justiça social, igualdade e reconhecimento das mulheres negras em todas as esferas.

### 3.3 A AMPLIAÇÃO DO ESPAÇO DE REPRESENTATIVIDADE PARA MULHERES NEGRAS NAS REDES SOCIAIS E NA MÍDIA.

A mídia social tornou-se fundamental para dar voz a mulheres negras influentes nas plataformas, em especial o *Instagram*. Nestes espaços virtuais, eles têm a oportunidade de comparar as suas histórias e perspectivas de uma forma moderna, ampla e convincente. Estas plataformas proporcionam um ambiente onde as mulheres negras podem desafiar estereótipos específicos e promover a representação dominante para construir laços de solidariedade. No *Instagram* e em outras plataformas de redes sociais semelhantes, muitas mulheres influentes estão trabalhando em conjunto para construir uma identidade mais forte e promover um sentimento de empoderamento, moldando positivamente a maneira como são percebidas pela sociedade e, principalmente, por si mesmas (Lobo e Maciel, 2021).

Historicamente, a mídia tradicional reduziu as mulheres negras a estereótipos como o da “mãe negra”, figura altruísta e servil, sempre disponível para cuidar de outros, mas sem identidade própria, ou o da “mulher hiper sexualizada”, objeto de desejo, cuja sexualidade é explorada de maneira exótica e exagerada. Essas representações limitadas as mantêm à margem das narrativas centrais, reforçando sua subalternização e reduzindo sua visibilidade de maneira complexa e desumanizadora. De acordo com Sueli Carneiro (2016), as mulheres negras ocupam uma posição de "anti musas" na sociedade brasileira, desvalorizadas frente ao modelo estético eurocêntrico, que glorifica a mulher branca como padrão de beleza. Esse cenário reflete uma estrutura social e midiática que não apenas marginaliza, mas também

exclui as múltiplas identidades e experiências das mulheres negras, prejudicando o desenvolvimento de uma autoimagem positiva e reafirmando uma hierarquia racial e estética profundamente enraizada (Carneiro, 2016).

Com o avanço das redes sociais, essas mulheres passaram a contar suas próprias histórias, desafiando a visão estereotipada da mídia dominante. Criadoras de conteúdo como Djamila Ribeiro, Taís Araujo e Erika Hilton utilizam suas contas para tratar de temas como raça, identidade, autoestima e empoderamento feminino, cada uma trazendo uma abordagem única. Djamila Ribeiro, reconhecida no cenário do feminismo negro brasileiro, utiliza seu perfil para expor aos seus seguidores temas como, interseccionalidade e a importância da representatividade nas plataformas digitais, propondo reflexões importantes que promovem uma compreensão mais inclusiva.

Além de promoverem discussões em torno de temas sociais, essas influenciadoras criam comunidades de apoio nas quais outras mulheres negras podem se sentir representadas e ouvidas. As plataformas digitais proporcionam um espaço onde estas figuras públicas podem expor experiências pessoais que podem não encontrar espaço ou ser minimizadas nos meios de comunicação tradicionais. Esta interação de apoio fortalece o conceito de que a confiança individual e a construção da identidade são processos enriquecidos por contribuições coletivas. Através de suas publicações online, influenciadoras discutem a discriminação racial e o empoderamento pessoal, celebrando suas raízes negras e incentivando outras mulheres a valorizarem suas próprias origens (Bovet; Victor; Danielle, 2023).

As redes sociais desempenham um papel vital na mobilização social e na sensibilização para questões relacionadas com raça e gênero. Campanhas como *#BlackGirlMagic* e *#VidasNegrasImportam* estão impactando as pessoas ao celebrar a diversidade negra e promover a luta contra o racismo. Também promove um sentido de unidade entre as mulheres negras através das suas experiências partilhadas, promovendo a ligação e o apoio. O *Instagram* tem ótimo acesso e conteúdo educativo para todos; lá eles os inspiraram a compartilhar material e incentivar discussões sobre temas complexos de uma forma fácil de entender e acessível a todos os seus seguidores constantes. Os influenciadores negros contribuem, assim, para esclarecer questões sociais e aumentar a consciência sobre os desafios que estas comunidades enfrentam.

A representação da mulher negra nos anúncios midiáticos de marcas comerciais, nos veículos de comunicação, também reflete, tanto os avanços quanto os desafios na busca por uma comunicação mais inclusiva e diversa. Nos últimos anos, diversas marcas vêm promovendo a presença de mulheres negras, anônimas e influenciadoras, em suas campanhas,

com uma abordagem que celebra a beleza e diversidade dos tons de pele, cabelos e características das mulheres negras, desafiando os padrões de beleza eurocêntricos que historicamente dominaram a indústria (ONU Mulheres Brasil, 2022).

Entretanto o estudo “A Imagem do Negro em Produtos de Beleza” evidencia como os estereótipos negativos ainda permeiam as representações visuais nos produtos voltados ao público negro, reforçando a importância de uma mudança nas narrativas apresentadas pela mídia. Essa mudança é essencial para promover uma estética que valorize genuinamente as características das pessoas negras (Vilas, 2018). Algumas campanhas podem reforçar estereótipos, associando a imagem da mulher negra a características limitadoras como sensualidade ou força, o que não contempla a complexidade de suas experiências. Além disso, a forma de representação varia entre campanhas: enquanto algumas celebram genuinamente a beleza negra, outras arriscam cair em representações estereotipadas ou distantes da realidade cotidiana dessas mulheres. Também, a representação de mulheres negras ainda é escassa, continuando sendo minoria nas campanhas, essa beleza não é plenamente valorizada nessas postagens e ainda há carência de produtos específicos para pele negra.

O avanço dessa representação interfere diretamente na autoestima e na identidade das consumidoras. Quando mulheres negras veem modelos que se assemelham a elas em campanhas publicitárias e na mídia, isso pode gerar um sentimento de valorização e empoderamento, permitindo que se sintam mais confiantes em relação à própria beleza e identidade. Essa visibilidade é crucial, pois contribui para a formação de uma autoimagem positiva, ajudando as mulheres a abraçarem suas características únicas e a se sentirem dignas de amor e aceitação. Por outro lado, representações limitadas ou estereotipadas podem prejudicar essa percepção, reforçando inseguranças e promovendo a internalização de padrões de beleza que não refletem a diversidade das experiências negras (Queiroz, 2019).

### **3 METODOLOGIA**

#### **4.1 TIPO DE ESTUDO**

Este estudo adotou uma metodologia qualitativa, de caráter exploratório e documental. A pesquisa qualitativa tem como objetivo compreender os significados, crenças, valores e comportamentos dos sujeitos, valorizando a perspectiva dos próprios indivíduos e permitindo uma análise das influências que esses aspectos exercem sobre suas experiências, sem a necessidade de uma estrutura quantificável (Minayo, 2015).

A natureza exploratória é definida pela busca em investigar um tema ainda pouco abordado, permitindo a formulação de novas hipóteses e oferecendo uma compreensão mais ampla do assunto (Gil, 2008).

Caracteriza-se também como documental, pois possibilita o desenvolvimento, contextualização e interpretação de materiais documentais que ainda não possuem um arcabouço analítico definido, permitindo, assim, o uso de fontes variadas (Fonseca, 2002).

## 4.2 PLATAFORMA DE ESTUDO

O *Instagram* é uma plataforma de mídia social que se destaca como uma rede de expressão e interação, especialmente entre influenciadoras negras. Com mais de 1 bilhão de usuários ativos mensais, o *Instagram* permite que indivíduos compartilhem fotos, vídeos e histórias, criando uma rede dinâmica de comunicação visual. Para as mulheres negras, essa plataforma oferece uma oportunidade única de desafiar estereótipos raciais e culturais, promovendo diálogos sobre identidade, autoestima e empoderamento.

Para a escolha dos perfis, foram considerados os seguintes critérios: ser uma influenciadora mulher e negra, ter mais de 500 mil seguidores, manter bom nível de engajamento, usar a plataforma com frequência, exercer uma voz ativa na representatividade racial e possuir uma relação positiva com marcas reconhecidas e respeitáveis, especialmente no setor de beleza e estética, evitando aquelas que têm associações com casas de apostas, um nicho frequentemente associado a práticas duvidosas.

Os perfis selecionados foram: Erika Hilton (@hilton\_erika)<sup>1</sup>, deputada federal; Liniker (@linikeroficial)<sup>2</sup>, cantora e compositora; Taís Araújo (@taisdeverdade)<sup>3</sup>, reconhecida por seus papéis em telenovelas; Amanda Mendes (@todecrespa)<sup>4</sup> comunicadora, influencer e youtuber; e Patrícia Ramos (@patriciaramos)<sup>5</sup> apresentadora e influencer.

## 4.3 COLETA DE DADOS

Para realizar a coleta de dados se utilizou-se a extensão do Google Chrome *Sort Feed | Sort Instagram & TikTok Content and Export Engagement Data*<sup>6</sup>, ferramenta que permite

---

<sup>1</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/hilton\\_erika/](https://www.instagram.com/hilton_erika/)

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/linikeroficial/>

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/taisdeverdade/>

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/todecrespa/>

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/patriciamos/>

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.sortfeed.com/>

organizar as postagens de um perfil por quantidade de curtidas, visualizações, comentários ou tempo.

Foram analisados comentários deixados em duas postagens dos perfis selecionados, uma das postagens mais curtidas filtradas pela extensão e outra publicidade feita para uma marca grande e consolidada no mercado feita pela influenciadora. Foi colhido comentários que tinham escritas relacionadas a postagens, priorizando comentários feitos na época que a postagem foi feita, e que tivessem curtidas, porém, não foram descartados comentários sem curtidas. Foram desconsiderados comentários de cunho racista, misógino ou nutrido de qualquer preconceito, como, também, comentários de homens e de mulheres percebidas socialmente, como brancas e comentários sem relação com o tema pesquisado.

Os comentários coletados foram filtrados manualmente, visando captar aqueles mais aderentes aos objetivos do estudo. Após a seleção, a análise qualitativa dos comentários foi feita com base em técnicas de análise de conteúdo, buscando padrões que revelam como o público responde ao conteúdo produzido pelas influenciadoras.

#### 4.5 ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados seguiu o método de análise de conteúdo proposto por Bardin (1977), que visa identificar, codificar e categorizar elementos presentes em textos ou outras formas de comunicação, possibilitando a extração de informações significativas. Este processo é composto por etapas como a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, sendo aplicável em várias áreas das ciências humanas e sociais.

Em consonância com Bardin (1977), sobre a construção de uma pesquisa baseada em documentos, esta abordagem propõe trabalhar com materiais que apresentam mensagens sobre uma temática inicial, mas que, com base na pesquisa, serão analisados a partir de um novo enfoque. Será realizada uma análise minuciosa dos comentários e interações nos vídeos, buscando compreender como mulheres negras reagem ao conteúdo, com ênfase nas representações sociais de identidade cultural, aceitação da identidade racial, autoestima e formação de subjetividades.

#### 4.6 ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS DA PESQUISA

Este artigo seguiu padrões éticos essenciais para pesquisas documentais, priorizando a integridade e autenticidade dos documentos analisados e a preservação do contexto original. A pesquisa respeita a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD, 2018), que orienta a coleta,

tratamento e armazenamento de dados pessoais, destacando o consentimento explícito dos usuários e o uso de dados anônimos para garantir privacidade e segurança.

Foram considerados os riscos de privacidade e consentimento dos usuários, utilizando o anonimato dos perfis conforme a LGPD, e reconhecendo o risco de interpretações tendenciosas devido ao recorte específico das experiências analisadas. Também foi considerado o desafio de lidar com conteúdos sensíveis que podem afetar psicologicamente as pesquisadoras.

Apesar dos riscos, a pesquisa exploratória traz benefícios significativos, especialmente pela escassez de estudos sobre o papel das influenciadoras negras no fortalecimento da identidade racial e de gênero. O estudo destaca a importância dessas influenciadoras como referências positivas que promovem o empoderamento e a autoestima de mulheres negras, contribuindo para a psicologia e estudos sociais ao explorar a interseção entre identidade, raça e gênero no contexto digital, beneficiando futuras pesquisas e políticas para fortalecer a presença negra no ambiente digital (Lei Geral de Proteção de Dados, 2018).

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 RESULTADOS

A pesquisa resultou na coleta de comentários provenientes de publicações com diferentes temáticas, divididas em dois grandes grupos: um composto por publicações do tipo *publi* ou parceria, e outro formado por postagens selecionadas entre as mais curtidas dos perfis analisados, conforme demonstrado nos Anexos de I a X. A coleta foi realizada no mês de maio e, posteriormente, os dados passaram por um processo de tratamento e categorização. Na Figura 1, apresentamos uma nuvem de palavras elaborada no Microsoft PowerPoint, cuja representação visual facilita a compreensão da frequência e relevância dos termos presentes no corpus textual analisado.

Figura 1 – Nuvem de palavras



Fonte: Elaboração própria (2025)

A partir da análise dos comentários, foi gerada uma nuvem de palavras que permitiu identificar os termos mais recorrentes no corpus textual, como “inspiração”, “cabelo”, “mulher”, “trans”, “identidade”, “autoestima”, “referência” e “representatividade”. Com base nessa frequência e nos sentidos atribuídos pelos usuários, realizou-se a categorização dos dados com o intuito de organizar os comentários e subsidiar a interpretação e discussão dos resultados. As categorias estabelecidas foram: Categoria 1 – Identidade, Autoestima e Resistência; Categoria 2 – Representatividade, Inspiração e Comunidade; e Categoria 3 – Desconstrução de Estereótipos e Valorização da Diversidade.

A definição dessas categorias possibilitou a organização do material por meio do tratamento dos dados, facilitando a análise e discussão alinhadas aos objetivos desta pesquisa. No Quadro 1, apresenta-se a interpretação dos dados coletados, com base na frequência e relevância das palavras, permitindo compreender as principais temáticas emergentes no corpus analisado.

**Quadro 1** – Categorização do Material

Categoria	Número de comentários
Identidade, Autoestima e Resistência	7
Representatividade, Inspiração e Comunidade	11
Desconstrução de Estereótipos e Valorização da Diversidade	4

Fonte: Elaboração própria (2025)

Para a construção das categorias, considerou-se o conteúdo presente nos comentários e a frequência das palavras identificadas a partir da análise da nuvem de palavras e da interpretação qualitativa dos comentários coletados. Ao analisar a concordância e o contexto das palavras mais recorrentes, foi possível compreender melhor o significado e a relação entre elas, o que facilitou o agrupamento do material em categorias temáticas coerentes.

### **Categoria 1. Identidade, Autoestima e Resistência**

O cabelo natural, especialmente para mulheres negras, transcende a dimensão estética e se configura como um símbolo potente de identidade, resistência e autoestima. Comentários como “*Eu descobri a autoestima quando conheci meu cabelo natural!*” (Anexo X), “*Você é uma referência pra mim*” (Anexo VI) e “*Estou começando minha transição também, quero meus cachos de volta*” (Anexo VI) revelam que assumir o cabelo natural representa um processo de resgate e valorização da negritude, muitas vezes reprimida por padrões eurocêntricos de beleza que privilegiam cabelos lisos e alisados. Essa vivência dialoga

diretamente com a discussão sobre identidade e interseccionalidades apresentada na revisão de literatura, em que autoras como Angela Davis (2016) e Conceição Evaristo (2017) destacam a importância de narrativas próprias e da resistência cotidiana das mulheres negras frente ao racismo estrutural e ao sexismo, ambos profundamente enraizados na sociedade brasileira (Amoras et al., 2021; Almeida, 2019).

A transição capilar, nesse sentido, é um movimento político e cultural que desafia a hegemonia estética dominante e os efeitos do racismo estrutural, que, historicamente, marginalizou e desvalorizou as características físicas negras. Ao optar por assumir seus cabelos naturais, as mulheres negras afirmam sua identidade autêntica, fortalecendo a autoestima e o amor-próprio, em um processo que envolve empoderamento, subversão e enfrentamento, além de um turbilhão de emoções que se acomodam ao longo do tempo. Essa experiência de libertação e afirmação identitária se conecta à literatura de Araújo e Silva (2023), que ressaltam como a valorização do corpo negro e de suas características é fundamental para romper com o ciclo de exclusão e para reconstruir uma autoimagem positiva diante dos impactos do racismo.

Além disso, o cabelo natural funciona como um elemento de pertencimento coletivo. Ao compartilhar suas experiências e conquistas, as influenciadoras criam uma rede de solidariedade que reforça o sentimento de comunidade e pertencimento a uma cultura negra valorizada e celebrada. Essa dinâmica está em consonância com a análise de Jean Albuquerque (2025) sobre a importância das práticas comunitárias e das redes de apoio entre mulheres negras como estratégias de resistência e superação dos desafios impostos pelo racismo e pelo sexismo. A valorização do cabelo natural, portanto, contribui para a desconstrução de estigmas e para a construção de subjetividades positivas, impactando diretamente a autoestima das seguidoras e fortalecendo o sentimento de coletividade, conforme também discutido por Butler (2015) ao abordar a performatividade e a importância das práticas sociais na afirmação das identidades marginalizadas.

Outros comentários analisados evidenciam uma forte dimensão de ruptura com padrões tradicionais e a afirmação de subjetividades diversas e autênticas, especialmente ao se referirem à vivência de mulheres trans negras. A fala “*A sociedade, a família determina tudo, só que não. Somos únicos, uma mulher trans, nasceu menina, nunca existiu um menino nesse corpo*” (Anexo VIII) e “*É um culto, chorei em prantos! Eu tava lá. É muito maravilhoso visualizar artista trans tendo verba pra cantar, vestir, performar o que quiser! um deslumbrante espetáculo!*” (Anexo IV) é emblemática ao exemplificar a resistência às normativas rígidas de gênero e à imposição de identidades binárias e excludentes. Essa

resistência dialoga diretamente com as ideias de Judith Butler (2015), cuja obra, conforme destacado na revisão de literatura, abriu um novo campo de reflexão sobre a fluidez do gênero e os efeitos das normas sociais na vida das mulheres e de outras identidades marginalizadas. Para Butler, o gênero não é uma essência fixa, mas uma construção social performativa, constantemente produzida e ressignificada nas práticas cotidianas e nos discursos, o que permite a emergência de subjetividades plurais e subversivas frente às imposições normativas.

No contexto das influenciadoras negras, essa perspectiva se materializa na promoção da visibilidade de identidades plurais e na desestabilização de paradigmas hegemônicos, conforme também discutido no capítulo sobre mulheres pretas cis e trans na revisão de literatura. Ao desafiar preconceitos e discriminações, essas mulheres ampliam o repertório de possibilidades de existência e reconhecimento, indo ao encontro das reflexões de Patrícia Hill Collins (2000) sobre a importância de considerar as múltiplas camadas de opressão e de valorizar a pluralidade das experiências das mulheres negras. A celebração da diversidade de corpos, gêneros e expressões, como se observa nos comentários “*Patrícia transborda mesmo né, que luz linda amiga! (Na minha cabeça somos amigas)*” (Anexo II),

Sua grandeza já tá espriada aqui. Eu gostaria que você soubesse que o quanto o teu voo me liberta. O quanto sua beleza me enfeita os olhos, o quanto sua poesia me faz amar. O quanto a sua existência me faz poder. Obrigada, minha irmã, por materializar no mundo e no meu peito. O quanto a vida pode ser um sim (Anexo IV),

são centrais para a construção de subjetividades positivas e para o fortalecimento do empoderamento coletivo, temas também abordados por Davis (2016) e Collins (2000).

A valorização da beleza, da criatividade e, sobretudo, da autenticidade dessas mulheres contribui para a desconstrução de estereótipos racistas, sexistas e transfóbicos, promovendo novas formas de existência e pertencimento. O ambiente digital, nesse sentido, torna-se um espaço estratégico para a construção de novas narrativas e para a formação de redes de apoio e solidariedade, onde as subjetividades marginalizadas encontram voz, reconhecimento e força para resistir e transformar, em consonância com o que Jean Albuquerque (2025) discute sobre a importância das práticas comunitárias e das redes de apoio entre mulheres negras. Dessa forma, os dados coletados dialogam diretamente com a revisão de literatura, demonstrando que as influenciadoras negras, ao promoverem a visibilidade e a valorização de identidades diversas, atuam como agentes de transformação social e cultural, ampliando as possibilidades de reconhecimento e liberdade para além das categorias tradicionais de gênero e raça.

## **Categoria 2. Representatividade, Inspiração e Comunidade**

A representatividade emerge como um tema central nos comentários analisados, evidenciando que a presença visível de mulheres negras em espaços midiáticos é fundamental para a construção de identidades positivas e para o fortalecimento da autoestima de suas seguidoras. Comentários como *“A primeira mulher parecida comigo que eu vi na tv”* (Anexo VI), *“Se me perguntarem qual skin eu quero a resposta é: essa!”* (Anexo II), *“Prazer a sua nova reff”* (Anexo VIII) e *“minha inspiração de cabelo totalmente”* (Anexo X) ilustram como essas figuras públicas funcionam como modelos aspiracionais, ampliando os horizontes de possibilidade para outras mulheres negras. Essa dinâmica está em consonância com a discussão de Angela Davis (2016) sobre a importância da luta do feminismo negro contra todas as formas de opressão, e com o conceito de racismo estrutural apresentado por Silvio Almeida (2019), que aponta como a exclusão e a marginalização das mulheres negras são perpetuadas por instituições e práticas sociais ao longo da história.

A representatividade, nesse contexto, é crucial para romper com a invisibilidade e os estereótipos negativos que frequentemente associam a negritude a imagens depreciativas ou limitadas. Ao ocupar espaços de destaque na televisão, nas redes sociais ou nos palcos, essas mulheres desafiam narrativas hegemônicas e mostram que é possível ser reconhecida, admirada e valorizada em sua pluralidade. Apesar dos desafios e da persistência de estereótipos e da estética de embranquecimento na mídia brasileira, a presença crescente de mulheres negras em papéis de destaque contribui para a construção de narrativas mais autênticas e plurais, refletindo a diversidade da sociedade.

O impacto emocional dessas representações é profundo, como demonstram expressões de gratidão e emoção, a exemplo do comentário:

Meu Deus!!!! Que honra poder estar aqui. Muito obrigada por ser minha primeira inspiração, Taís. Assim como eu, muitas outras pretinhas acreditaram em si, e passaram a se amar e aceitar por te ver ocupar aquele lugar na TV e acreditar que seria possível. Você é a maioral! (Anexo X).

Esse tipo de conexão afetiva reforça a importância da representatividade não apenas como fenômeno simbólico, mas como elemento transformador da autoestima coletiva e individual, em sintonia com a análise de Conceição Evaristo (2017) sobre o poder das narrativas próprias na reconstrução da subjetividade negra.

Além disso, a representatividade inspira processos de auto aceitação e empoderamento, incentivando outras mulheres negras a se reconhecerem como protagonistas

de suas histórias e a buscarem espaços de visibilidade e valorização. Essa influência transcende o âmbito pessoal e contribui para a construção de uma cultura mais inclusiva e plural, conforme discutido por Patrícia Hill Collins (2000), ao enfatizar a importância de considerar as múltiplas camadas de opressão e de reconhecer a pluralidade das experiências das mulheres negras.

Os comentários revelam que as influenciadoras negras atuam como importantes referências de identificação positiva para outras mulheres negras. Expressões como “*Sempre que a vejo só consigo pensar “Linda demais em todas as referências!!”*” (Anexo V) e “*nossa, ela é mó novinha e tá conquistando o mundo, a gente também pode! Você inspira e renova nossas possibilidades mulher!*” (Anexo I) evidenciam que a trajetória de sucesso, visibilidade e autenticidade dessas influenciadoras é percebida como um espelho para o seu público de seguidoras. A presença de mulheres negras em posições de destaque, conquistando espaço e reconhecimento, amplia o imaginário social sobre o que é possível para outras mulheres negras, especialmente em uma sociedade marcada por racismo estrutural e restrições históricas de acesso a oportunidades.

Essa dinâmica de identificação positiva está em consonância com a literatura que discute a complexidade de ser mulher negra no Brasil, marcada por desafios interseccionais relacionados à raça, gênero e classe social (Davis, 2016). Como aponta Silvio Almeida (2019), o racismo estrutural opera como um sistema de dominação que legitima a exclusão e a desigualdade, tornando ainda mais significativo o fato de mulheres negras ocuparem espaços de poder e influência. Nesse contexto, quando as seguidoras observam influenciadoras negras alcançando sucesso e reconhecimento, internalizam a mensagem de que também podem aspirar a esses lugares, o que contribui para a construção da autoestima e do senso de pertencimento.

O impacto desse processo é duplo: a inspiração não é apenas individual, mas coletiva, pois as conquistas de uma são percebidas como conquistas possíveis para todas. Essa perspectiva dialoga com o conceito de resistência coletiva presente na literatura afro-brasileira, que, como destaca Conceição Evaristo (2017), coloca as mulheres negras no centro de suas próprias narrativas, questionando padrões eurocêntricos e estereotipados. Assim, a atuação das influenciadoras contribui para a desconstrução de narrativas limitantes e para o fortalecimento de subjetividades positivas, em oposição aos estereótipos historicamente impostos à mulher negra, como a hiperssexualização e a desumanização.

Dialogando com Azevedo (2022), as influenciadoras negras utilizam as plataformas digitais para construir narrativas próprias que desestabilizam padrões eurocêntricos de beleza,

reafirmando a potência de seus corpos e ampliando as possibilidades de representatividade e empoderamento para suas seguidoras. Essa atuação também se relaciona com a importância das redes de apoio e práticas comunitárias destacadas por Jean Albuquerque (2025), pois, ao criar espaços de diálogo, encorajamento e troca de experiências, essas mulheres fortalecem a luta coletiva contra o racismo e o sexismo, promovendo a solidariedade e a resiliência entre mulheres negras.

Na frase *“Acabei de colocar esse modelo, primeira vez e estou amando! Mas, estou com medo de não conseguir cuidar! Posta um vídeo de você lavando e finalizando!”* (Anexo IX), *“Um vídeo seu usando era o que precisava para eu comprar heheh”* (Anexo IX) e *“A pronto, agora a Patrícia fez eu querer um Air Max Dn8”* (Anexo I) ilustram não apenas o engajamento, mas também a busca por orientação, validação e acolhimento em torno de práticas e símbolos de uma negritude que, historicamente, foi desvalorizada pela sociedade e negligenciada pelas marcas publicitárias. Nesse contexto, o ambiente digital torna-se um espaço privilegiado de socialização, aprendizado e solidariedade, onde experiências, dúvidas e conquistas podem ser compartilhadas em um espaço de escuta ativa e empática.

Essa dinâmica é especialmente significativa para mulheres negras, cujas experiências foram, por muito tempo, invisibilizadas ou marginalizadas nos meios tradicionais de comunicação, como apontam Amoras et al. (2021) e Angela Davis (2016) em suas discussões sobre racismo estrutural e sexismo. O *Instagram*, ao permitir que influenciadoras respondam e produzam conteúdos que atendam às demandas de suas seguidoras, consolida essas mulheres como líderes comunitárias e fontes de conhecimento, promovendo o empoderamento coletivo e a construção de subjetividades positivas. Esse processo de troca e acolhimento está em sintonia com a análise de Jean Albuquerque (2025), que destaca a importância das redes de apoio e das práticas comunitárias como estratégias fundamentais de resistência e superação dos desafios impostos pelo racismo e pelo sexismo.

A dimensão afetiva e de pertencimento dessa comunidade é reforçada por comentários como *“Amamos essas Divas que são nossas Referências e só abrilhantam as nossas identidades!”* (Anexo V), que evidenciam o papel das influenciadoras como referências de identidade e autoestima para suas seguidoras. O apoio mútuo fortalece laços de solidariedade e contribui para a ressignificação da autoestima, tornando o ambiente digital um espaço de resistência e de construção de novas narrativas sobre a mulher negra. Essa perspectiva é corroborada por Lobo e Maciel (2021), que afirmam que muitas mulheres influentes estão trabalhando em conjunto para construir uma identidade mais forte e promover um sentimento

de empoderamento, moldando positivamente a maneira como são percebidas pela sociedade e, principalmente, por si mesmas.

### **Categoria 3. Desconstrução de Estereótipos e Valorização da Diversidade**

Outro aspecto central identificado nos comentários é a valorização da identidade negra e o enfrentamento dos estereótipos. Comentários como *“Parabéns Natura. Agora tem bastante coisa para gente, minha preta ficou belíssima na publicidade”* (Anexo III), *“Parabéns Natura! Eu nunca fui em um show tão perfumado onde a plateia toda exalava um cheiro tão bom. Experiência além de sensorial. O time deu aula de marketing e cuidado! Sou fã de vocês”* (Anexo III) e *“Nossa, quanta elegância, sensibilidade e lucidez!”* (Anexo VII) evidenciam não apenas o reconhecimento, mas também a celebração de iniciativas que promovem a representatividade negra de forma positiva e plural. A presença de mulheres negras em campanhas publicitárias é percebida como uma conquista coletiva e um avanço na luta contra a invisibilidade e o racismo institucional, temas amplamente discutidos por escritoras como Angela Davis (2016) e Conceição Evaristo (2017), que destacam a importância da resistência e da centralidade das mulheres negras na produção de suas próprias narrativas.

Além disso, a valorização de atributos como elegância, sensibilidade e lucidez desafia os estereótipos historicamente atribuídos à mulher negra, frequentemente retratada de forma hiper sexualizada, submissa ou agressiva. Ao enaltecer essas qualidades, as seguidoras contribuem para a construção de uma imagem mais complexa e autêntica da mulher negra, rompendo com padrões eurocêtricos e limitadores. Essa ruptura é fundamental para combater a cultura de desvalorização e silenciamento das experiências negras, como apontam Do Carmo e Rodrigues (2021), pois contribui para a criação de uma cultura que considera as vozes e necessidades das mulheres negras, promovendo o reconhecimento de sua pluralidade e potência.

A frase *“só não pode falar que a mulher não é o momento!”* (Anexo VII) sintetiza essa ruptura simbólica e social: a mulher negra é reconhecida como protagonista, dona de sua própria história, e referência de beleza, sucesso e autenticidade. Esse reconhecimento público, ainda que em ambientes virtuais, têm efeitos concretos na autoestima individual e coletiva, além de influenciar positivamente a percepção social sobre a negritude. Ao ocupar o centro das atenções, as influenciadoras negras desafiam a lógica histórica de invisibilidade e

subalternidade, mostrando que mulheres negras podem ser admiradas, desejadas e celebradas por suas conquistas, estilo e inteligência.

Essa centralidade simbólica, construída nas redes sociais, contribui para a resignificação dos imaginários coletivos sobre o que significa ser uma mulher negra no Brasil, promovendo novas referências de sucesso e pertencimento. Como discutido na revisão de literatura, a produção cultural, a literatura e agora as redes sociais são espaços fundamentais para que as mulheres negras possam narrar suas próprias histórias e desafiar as narrativas predominantes que as reduzem a estereótipos (Evaristo, 2017). Além disso, o impacto dessas representações ultrapassa o universo digital, influenciando marcas, mídia tradicional e espaços institucionais a repensarem suas práticas e ampliarem a diversidade de seus elencos e campanhas. Assim, o protagonismo dessas mulheres não apenas fortalece a autoestima de suas seguidoras, mas também atua como agente transformador das estruturas sociais e culturais, abrindo caminho para novas gerações de mulheres negras que se reconhecem e se afirmam em sua pluralidade.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise mostra que as influenciadoras negras no Instagram têm papel essencial na promoção da identidade, autoestima e representatividade das mulheres negras. Elas criam espaços de resistência e empoderamento coletivo, desafiando padrões eurocêtricos e estereótipos históricos, valorizando o cabelo natural, subjetividades plurais e a construção de comunidades de apoio, ampliando assim as possibilidades de reconhecimento e pertencimento para essas mulheres.

É importante ressaltar que esta pesquisa representa um recorte de uma população ampla e complexa, reconhecendo a diversidade de experiências e identidades existentes entre as mulheres negras no Brasil. As influenciadoras analisadas atuam como referências positivas que inspiram suas seguidoras a reconhecerem seu valor e a ocuparem a espaços de poder, beleza e influência, fortalecendo o senso de pertencimento e a autoestima coletiva. Essa identificação não apenas promove o empoderamento individual, mas também fomenta a solidariedade e a construção de redes de apoio que ampliam a resistência contra o racismo estrutural e o sexismo.

O ambiente digital, especialmente o *Instagram*, revela-se um espaço estratégico para a produção e disseminação de narrativas subversivas que ampliam as possibilidades de existência e reconhecimento das mulheres negras em suas múltiplas identidades, incluindo as

mulheres trans. Os resultados confirmam a importância da representatividade negra nas redes sociais como ferramenta para a desconstrução de estereótipos e para a promoção de uma cultura mais inclusiva e plural, corroborando estudos recentes que destacam o papel das influenciadoras digitais negras na luta contra o racismo e na valorização da diversidade.

Ademais, o protagonismo dessas mulheres influencia diretamente a mídia tradicional e o mercado publicitário, que começam a ampliar seus olhares e práticas para contemplar a pluralidade da população negra, contribuindo para a transformação das estruturas sociais e culturais. Por fim, este estudo reforça que o empoderamento feminino negro, construído por meio das plataformas digitais, é um processo coletivo e contínuo, que fortalece a autoestima, a identidade e o senso de pertencimento das mulheres negras, abrindo caminho para novas gerações que se reconhecem e se afirmam em sua diversidade. Assim, as influenciadoras negras não apenas inspiram, mas também materializam possibilidades de existência e resistência, consolidando-se como protagonistas de suas histórias e agentes de mudança social.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Jean. Redes comunitárias de mulheres negras contribuem para o desenvolvimento na primeira infância. *Alma Preta* 2025. Disponível em: <https://almapreta.com.br/almapretinha-conteudo/redes-comunitarias-de-mulheres-negras-contribuem-para-desenvolvimento-na-primeira-infancia/>. Acesso em: 2025.
- Aliança Nacional LGBTI. Manual de Comunicação LGBTI+ 2021. Disponível em: <https://aliancagbti.org.br/wp-content/uploads/2022/01/manual-de-comunicacao-gaylatino-V-2021-WEB.pdf>. Acesso em: 2025.
- ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p.
- AMORAS, Maria; MARIA, Solange; MESQUITA, Luana. O ativismo das mulheres negras escravizadas no Brasil colonial e pós-colonial, no contexto da América Latina. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 23, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeur/a/fCbpyXCkGTFgKnjJgwnfwdN/>. Acesso em: 2025.
- ANTHONY, Susan B. The History of Woman Suffrage. Vol. 1. New York: Harper & Brothers, 1881.
- ARAÚJO, Carla Manoela Oliveira de; SILVA DA, Luzia Wilma Santana. Mulheres negras: enfrentamentos e resiliência. v. 8, n. 2, p. 121–140, 2023. Disponível em: [https://pdfs.semanticscholar.org/f0f0/11418158ff5bd508517f40131f717bb6fee5.pdf?\\_gl=1](https://pdfs.semanticscholar.org/f0f0/11418158ff5bd508517f40131f717bb6fee5.pdf?_gl=1). Acesso em: 13 out. 2024.
- BARDIN, L. (1977). Análise de conteúdo. Lisboa edições, 70, 225.
- BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BOVET, Nadine Matias; VICTOR, Renato; DANIELLE, Karine. Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram. **Áskesis - Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar**, v. 10, n. 2, p. 210–235, 2023. Disponível em: <https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/767>. Acesso em: 2025.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. Centro de Estudos e Debates Estratégicos – CEDES. Políticas públicas de combate ao racismo e às desigualdades de gênero na construção de um Brasil justo e desenvolvido. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/cedes>. Acesso em: 15 maio 2025.
- BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CARMO, Nádia Amaro do; RODRIGUES, Ozaias da Silva. Minha carne não me define: O Público e o Privado, v. 19, n. 40 set/dez, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/5274>. Acesso em: 2025.
- CARNEIRO, Sueli; GOMES, Nilma Lino. Feminismo Negro: A Luta por Direitos e Igualdade. Belo Horizonte: **Editores UFMG**, 2016.
- COLLINS, Patricia Hill. Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política de Empoderamento. Nova York: Routledge, 2000.

- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: a literatura como resistência*. Entrevista concedida à Fundação Biblioteca Nacional, 2018.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- FOSTER, Michele. *Saúde Mental de Mulheres Negras: Os Efeitos das Representações da Mídia na Autoestima*. *Journal of Black Psychology*, 1999.
- FRIEDAN, Betty. *The Feminine Mystique*. New York: W.W. Norton & Company, 1963.
- Gil, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social / Antonio Carlos Gil*. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.
- GONZALEZ, Lélia. A voz dissonante de Lélia Gonzalez e o feminismo negro no Brasil. *Acadêmico de Semântica*, 2021.
- Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). Lei nº 13.709/2018, Planalto.gov.br. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm). Acesso em: 25 out. 2024.
- LOBO, Mory Márcia de Oliveira; MACIEL, Cristiano. O Gênero Negro Feminino nas Redes Sociais: o que revelam as Produções Acadêmicas. Evento Online. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. p. 320-324. ISSN 2763-8626. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2021.15874>.
- MARIOSA, G. S.; PINHEIRO, G. P.; MAYORGA, C. Mulheres negras em contexto religioso: entre resistência e/ou subordinações. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 11, n. 28, p. 153–174, 2019. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/722>. Acesso em: 2025
- MARIDOSA, Gilmaria Santos; LAPES, Sônia Regina Corrêa. Mulheres negras e resiliência. *Interações*, 2022. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/MULHERES-NEGRAS-E-RESILI%C3%8ANCIA-Mariosa-Lages/745d92642c87d68e6647607f8233b535bd288453>. Acesso em: 13 out. 2024.
- MINAYO, M. C. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Editora Vozes Limitada, 2015.
- MORRISON, Toni. *O Olho Mais*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1970.
- ONU Mulheres Brasil. *O Mapa da Representatividade na Publicidade Brasileira*. 2022. Disponível em: [https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2022/03/UA\\_TODXS10\\_Final-PORT.pdf](https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2022/03/UA_TODXS10_Final-PORT.pdf). Acesso em: 15 maio 2025.

PADILHA, Kannanda Emilly. Mulheres negras e os estereótipos idealizados na cultura brasileira. [s.l.: s.n.], 2023. Disponível em:  
<https://editora.pucrs.br/anais/sipinf/assets/edicoes/2023/artigo/47.pdf>.

PANKHURST, Emmeline. My Own Story. London: Hutchinson, 1914.

PARREIRAS, Carolina; PAVESI, Patrícia. Antropologia digital e imaginários etnográficos: Experimentações, dilemas e possibilidades. *Novos Debates*. Disponível em:  
<https://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/423>. Acesso em: 2024.

PINTO, Céli. Uma História do Feminismo no Brasil. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

QUEIROZ, Rafaela Cristina de Souza. Os efeitos do racismo na autoestima da mulher negra. *Caderno de Geografia*, v. 12, n. 40, p. 213-229, 2019. Disponível em:  
<https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/download/9475/6467>. Acesso em: 15 maio 2025.

RIBEIRO, D. O que é: lugar de fala? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *O Que É Feminismo Negro*. São Paulo: Brasiliense, 2017.

RODRIGUES, Ana Paula; ASSIS, Maria Clara. Feminismo Negro e Interseccionalidade em Periódicos Brasileiros (1992-2020). *Revista Estudos Feministas*, v. 31, n. 2, 2023. DOI: 10.1590/1806-9584-2023v31n292874. Disponível em:  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/92874>. Acesso em: 15 maio 2025.

RODRIGUES, Cristiano; FREITAS, Viviane Gonçalves. Ativismo Feminista Negro no Brasil: do movimento de mulheres negras ao feminismo interseccional. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 34, 2021. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/NFdhTdVVLSPRHzdDzVpBYMq/>. Acesso em: 2025.

SANTOS, Flávia; BORGES, Lenise. Mulheres negras e estereótipos: contribuições Mulheres negras e estereótipos dos feminismos negros para a (des)construção de identidades nos contextos sociais e midiáticos. [s.l.: s.n.], 2018. Disponível em:  
<https://unigoias.com.br/wp-content/uploads/03-mulheres-negras-e-estereotipos-contribuicoes-dos-feminismos-negros-para-a-desconstrucao-de-identidades-nos-contextos-sociais-e-midiaticos.pdf>. Acesso em: 2025.

SILVA, J.M.; SOUZA, R.F. Educação e Identidade: A Construção da Identidade Étnico-Racial na Escola. São Paulo: Editora XYZ, 2019.

TELES, Maria Amélia de Almeida. Breve História do Feminismo no Brasil e outros ensaios. 2. ed. ampliada. São Paulo: **Alameda Editorial**, 2024.

VILAS, Jonathas. A IMAGEM DO NEGRO EM PRODUTOS DE BELEZA E A ESTÉTICA DO RACISMO. Anais do Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão na Graduação do Câmpus de Campos Belos (SEPEG). Disponível em:  
[https://www.academia.edu/35488494/A\\_IMAGEM\\_DO\\_NEGRO\\_EM\\_PRODUTOS\\_DE\\_BELEZA\\_E\\_A\\_EST%C3%89TICA\\_DO\\_RACISMO](https://www.academia.edu/35488494/A_IMAGEM_DO_NEGRO_EM_PRODUTOS_DE_BELEZA_E_A_EST%C3%89TICA_DO_RACISMO). Acesso em: 2024.

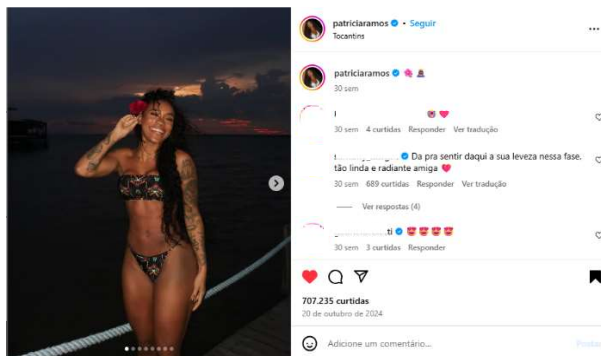
WALKER, Rebecca. "Becoming the Third Wave." Ms., 1992.

## ANEXO I – POSTAGEM @patriciaramos



Fonte: INTAGRAM @patriciaramos 27 mar. 2025. Disponível em:  
[https://www.instagram.com/p/DHtNqS1s7vv/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/DHtNqS1s7vv/?img_index=1) acesso em: 20 de mai. 2025

## ANEXO II – POSTAGEM @patriciaramos



Fonte: INTAGRAM @patriciaramos 20 out. 2024. Disponível em:  
[https://www.instagram.com/p/DBXGrEyP3x5/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/DBXGrEyP3x5/?img_index=1) acesso em: 20 de mai. 2025

## ANEXO III – POSTAGEM @linikeroficial



Fonte: INTAGRAM @linikeroficial 03 abr. 2025. Disponível em:  
[https://www.instagram.com/p/DH\\_6cNVRcMo/](https://www.instagram.com/p/DH_6cNVRcMo/) acesso em: 20 de mai. 2025

## ANEXO IV – POSTAGEM @linikeroficial



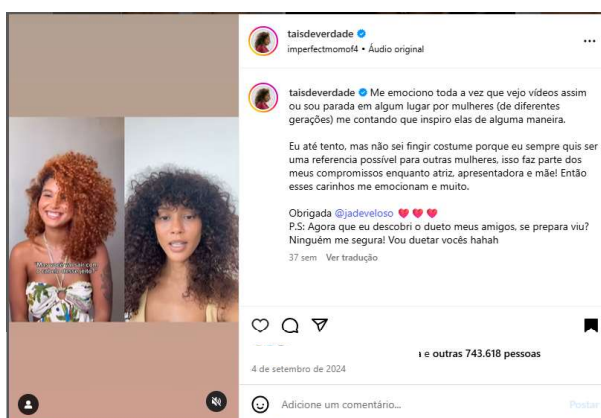
Fonte: INTAGRAM @ **linikeroficial** 13 nov. 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cz12wTzOkF7/> acesso em: 20 de mai. 2025

### ANEXO V – POSTAGEM @taisdeverdade



Fonte: INTAGRAM @ **taisdeverdade** 25 abr. 2025. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/DI4L8aVg7xX/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/DI4L8aVg7xX/?img_index=1) acesso em: 20 de mai. 2025

### ANEXO VI – POSTAGEM @taisdeverdade



Fonte: INTAGRAM @ **taisdeverdade** 04 set. 2024. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C\\_goa2exfbL/](https://www.instagram.com/p/C_goa2exfbL/) acesso em: 20 de mai. 2025

### ANEXO VII – POSTAGEM @hilton\_erika



Fonte: INTAGRAM @ **hilton\_erika** 21 abr. 2025. Disponível em:  
[https://www.instagram.com/p/DIt1t-LIKXi/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/DIt1t-LIKXi/?img_index=1) acesso em: 20 de mai. 2025

### ANEXO VIII – POSTAGEM @hilton\_erika



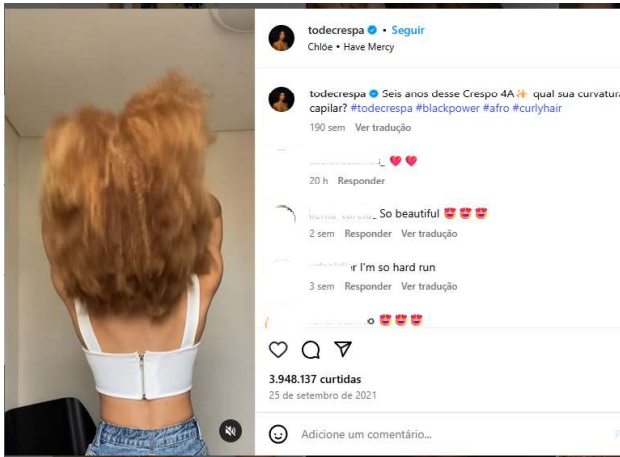
Fonte: INTAGRAM @ **hilton\_erika** 21 jun. 2023. Disponível em:  
<https://www.instagram.com/p/CtwKomxA5Mq/> acesso em: 20 de mai. 2025

### ANEXO IX – POSTAGEM @todecrespa



Fonte: INTAGRAM @ **todecrespa** 22 dez. 2024. Disponível em:  
<https://www.instagram.com/p/DD4pUnQxAQv/> acesso em: 20 de mai. 2025

### ANEXO X – POSTAGEM @todecrespa



Fonte: INTAGRAM @ **todecrespa** 25 set. 2021. Disponível em:  
<https://www.instagram.com/p/CUQswhTASh5/> acesso em: 20 de mai. 2025